

## ESCRITA DO CORPO E OUTRAS SUBJETIVIDADES NA LITERATURA AFROFEMININA<sup>1</sup>

Cristian Souza de SALES<sup>2</sup>  
E-mail: crissaliessouza@gmail.com

### Iris do Arco-íris

As meninas dos olhos  
tornaram-se mulher  
no caminho da cor do arco-íris  
na mítica, mitologia real  
ativa  
vida  
Os movimentos de copos  
reconstroem a fala  
O movimento no corpo  
axioma do silêncio  
agente  
a gente  
há gente  
Ah! Gente  
Há  
avanço na expressão  
os corpos falam  
(ALVES, 2002, p-30)<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a analisar a escrita do corpo feminino na literatura produzida por mulheres negras. Para tanto, foram escolhidas as poesias de Miriam Alves, uma das muitas vozes que tem elaborado outras imagens para o corpo feminino negro. São tessituras poéticas constituídas por subjetividades que desvencilham este corpo de representações depreciativas criadas no discurso da dominação masculina.

**Palavras-chave:** literatura afrofeminina, poesia, corpo feminino

O corpo, como primeira forma de visibilidade humana, desperta interesses, teorias e interpretações em diferentes áreas do conhecimento. Da medicina às artes, da biologia à cultura, multiplicam-se explicações quanto aos seus aspectos anatômicos, étnicos e estéticos. No campo natural e biológico, o corpo físico é dado como uma materialidade finita. Contudo, para além de seu caráter biológico, o corpo humano sofre interferências

---

<sup>1</sup>As reflexões apresentadas neste artigo foram desenvolvidas durante a elaboração da dissertação de mestrado intitulada *Composições e Recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miriam Alves*. (SALES, 2011).

<sup>2</sup>Mestre pelo Programa em Estudo de Linguagens- PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Email: crissaliessouza@gmail.com.

<sup>3</sup>Poema publicado pela autora nos *Cadernos Negros* em 2002, volume 25.

ideológicas, culturais, religiosas, políticas, assim como de gênero, raça e classe, entre outras.

Em *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*, Carmem Soares (2006, p.3) afirma que em um sentido mais “agudo” de sua presença, como “materialidade polissêmica”, constituído por múltiplas significações e sentidos, o corpo “invade lugares”, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, mas também sofre “determinações pedagógicas e disciplinamentos”. Nele, a sociedade “circunscreve o seu retrato”, impondo “limites sociais e psicológicos”, principalmente, a sua conduta moral. Esta também fixa seus “sentidos e seus valores”, submetendo o corpo a normatizações, privilegiando um dado número de atributos físicos e padrões estéticos que o “transformam” e o definem dentro de uma escala definida entre o aceitável e o inaceitável. E o modo como este se move e modifica-se “revela trechos da história a que pertence”. (SOARES, 2006, p.110).

Em uma vertente de reflexão mais restrita, Nilma Lino Gomes (2006, p.261), em *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra*, corroborando com as reflexões propostas por Sant’Anna e por Soares, diz que para além do princípio de apreensão do corpo em sua “especificidade biológica” ou mesmo em suas funções “puramente fisiológicas”, aproximando-o das “relações de sentido e de significação”, interpretado em sua “materialidade simbólica”, o corpo está localizado em um “terreno social e subjetivamente conflitivo”<sup>4</sup>.

De acordo com Gomes, ao longo da história, o corpo se tornou “emblema étnico”, símbolo a ser explorado, manipulado e transformado nas “relações de poder e de dominação” para marcar “assimetrias sociais”, “classificar, hierarquizar” e estabelecer desigualdades na “distribuição de poder” entre grupos raciais distintos por causa de fenótipos como a cor da pele. Assim, a sua aparência física passou a difundir mensagens e a integrar significados ideológicos relacionados a “atributos negativos e positivos”, introjetados por regras sociais, padrões estéticos, códigos de comportamento moral, transformando-se em “objeto de reflexão e de apelo da cultura” dominante, sendo por

---

<sup>4</sup>O trabalho realizado pela autora sobre o corpo negro, em particular, sobre o cabelo, está relacionado à estética, beleza e identidade negra presente no universo dos salões étnicos. Embora Gomes não trate das representações ficcionais do corpo feminino negro, suas considerações sobre o significado do corpo feminino negro no âmbito da cultura são importantes para a composição deste artigo.

ela, “tocado, modelado, modificado”, violentado e agredido. (GOMES, 2006, pp.261-262).

Nesse sentido, a autora passa a discorrer sobre o corpo negro, pois segundo ela, no processo histórico, cultural e político brasileiro, este corpo foi “tocado, modificado”, agredido e violentado nas relações do poder mantidas entre os brancos e os afrodescendentes. O corpo negro foi usado como um dos “sinais diferenciadores” mais evidentes pelo racismo para estabelecer hierarquias entre as classes sociais no Brasil e para marcar a “referência negra” de um sujeito, e, dessa forma, justificar sua posição social subalterna. (GOMES, 2006, p.261). Sobre este corpo, agiram duplamente e de forma simultânea, a violência física e simbólica, investindo no controle de sua aparência, em seus movimentos, em seus gestos, em suas expressões, em seus desejos, em suas vontades, em suas experiências, entre muitos outros aspectos.

Essa é uma das razões pelas quais, na construção de sua identidade, na sociedade brasileira, os negros, sobretudo, as mulheres negras “por meio de um aprendizado contínuo” precisam aprender a lidar, desde sempre, com um “movimento tenso, conflitivo” e ambivalente de aceitação e rejeição, “negação e aceitação” de seus corpos. (GOMES, 2006, p.262). Ainda meninas, as mulheres afrodescendentes são impelidas a conviver, cotidianamente, com os referenciais de beleza, de poder, de pertencimento, de inserção e de exclusão social, que foram estabelecidos pelos padrões da estética branca, vinculados ao corpo da mulher, concernentes à forma, ao movimento, à proporcionalidade, à cor da epiderme e à textura do cabelo.

Na menina, na moça e na mulher negra, isto gera três tipos de posicionamentos, relacionados ao modo como elas veem o seu corpo negro: a aceitação de suas diferenças, de seus traços étnicos e, como, consequência à elevação de sua autoestima – a autoafirmação de sua estética afrodescendente ou mesmo a rejeição do que visualizamos diante do espelho. Essa ambivalência entre a “aceitação e a rejeição” de nossas “diferenças”, significa o estar no mundo primeiro no “plano da rejeição” para então, depois, nos aceitarmos e nos afirmarmos como pessoas, como sujeitos pertencentes a um grupo étnico racial. (GOMES, 2006, p.262).

Para as mulheres negras e escritoras, neste caso, utilizo como referência as imagens, os significados e os sentidos elaborados nas poesias de Miriam Alves,

refletir sobre as representações sociais construídas historicamente para o corpo feminino negro, em princípio, é pensar nessa tensão a que se refere Nilma Lino Gomes: rejeição, aceitação, autoafirmação da diferença e valorização dos traços etnicorraciais. São olhares e vozes que usam a escrita literária e seus recursos disponíveis para desenvolver autoestima da mulher negra.

Trata-se de uma escrita de cunho feminino negro, que se fortalece no Brasil a partir de 1978, utilizando a autorrepresentação como estratégia e recurso de linguagem, de aproximação e de criação de laços comuns com o seu público leitor. Um mecanismo de construção de novos sentidos e significações para as mulheres de origem afrodescendenteelaborarem autoimagens positivas. São escritoras que têm buscado contestar as representações estereotipadas e configurações depreciativas disseminadas por uma tradição cultural no Brasil sobre si.

Os textos literários produzidos no Brasil, em diferentes contextos e momentos histórico-culturais, criaram modos de identificação para alteridade, cujo objetivo principal era enquadrar e classificar as mulheres negras, o corpo feminino negro com base em categorias fenotípicas e “escalas cromáticas”: a mulata, a negrinha, a pretinha, a moreninha, a crioula, entre outras<sup>5</sup>. Os corpos negros femininos foram inscritos nas relações de gênero estabelecidas pela dominação masculina, sendo submetidos às normatizações sociais, a um conjunto de valores morais e inúmeras tentativas de controle e disciplina de seus movimentos, de seus gestos e de suas atitudes: de sua aparência e de sua sexualidade<sup>6</sup>.

Cito como exemplo os sonetos atribuídos ao escritor Gregório de Matos (XVII) dedicados à mulata Jelu; as características construídas pelo narrador para a personagem Vidinha, no romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Joaquim Manuel de Almeida (1953); as imagens construídas pelo narrador para as personagens afrodescendentes Eufêmia, Esméria e Lucinda, em *As Vítimas-Algozes: quadros da*

---

<sup>5</sup>Destaco as terminologias utilizadas por Lídia Avelar Estanislau, em *Feminino Plural: negras no Brasil*, artigo publicado no livro *Brasil Afrobrasileiro*, organizado por Maria Nazareth Fonseca (2000). Neste texto, a autora apresenta retratos de mulheres negrasque “ultrapassaram as bordas do silêncio”, mostrando a efetiva participação da mulher negra na formação da sociedade brasileira”.

<sup>6</sup>Utilizo o termo “dominação masculina” em consonância com o pensamento de Pierre Bourdieu (1999) em *A Dominação Masculina*. Sem mencionar o corpo da mulher negra, mas refletindo sobre o corpo feminino, o autor diz que este se tornou alvo de mecanismos ideológicos. Segundo defende, a “dóxa masculina” encontrou terreno fértil na articulação mulher, violência e poder, utilizando-se de diferentes estratégias para aplicar “coerções e disciplinamentos” aos seus corpos.

*escravidão*, de Joaquim Manuel de Macedo (1869); os poemas de Castro Alves (1868) nos quais o escritor se refere ao processo de escravização dos negros africanos em nosso país; a representação da personagem Rosa, em *A Escrava Isaura*, romance escrito por Bernardo Guimarães (1875); a figuração das personagens Rita baiana e Bertoleza, em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1891); O conto intitulado *Negrinha*, de autoria de Monteiro Lobato (1918); o poema *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima (1929), a imagem da mulher negra presente na poesia *Irene*, de Manuel Bandeira (1930); as personagens afrodescendentes do livro *Casa-grande senzala*, de Gilberto Freyre (1930); os *Poemas da Negra*, de Mário de Andrade (1929) e, finalmente, as incontáveis personagens das obras do escritor baiano Jorge Amado, entre elas, destaco o romance *Gabriela, cravo e canela* (1958), entre outras (os).

Foram e são romances, contos e poemas, cujas representações construídas por alguns autores não negros, em sua maioria, expressam situações em que a malícia, a imoralidade, a permissividade são apresentadas como características inerentes ao comportamento moral da mulher de origem afrodescendente, aparecendo no imaginário brasileiro como um corpo à disposição, pronto para consumo pela dominação masculina branca: um corpo possuidor de uma sexualidade voraz e pervertida, tratado nas produções literárias mencionadas como um corpo-produto e corpo-objeto.

Contrariando tais perspectivas e representações estereotipadas, as escritoras afrobrasileiras contemporâneas como Miriam Alves, buscam desvencilhar o corpo feminino negro das marcas de racialização e sexualização impostas historicamente pela dominação masculina, antes de revesti-lo de outros significantes literários. Trata-se de um coletivo de mulheres que questionam o modo como essas imagens foram elaboradas, denunciando os efeitos que elas produziram para a trajetória social das afrodescendentes<sup>7</sup>.

Nos dizeres poéticos de Miriam Alves, as mulheres negras se ocupam em elaborar outras formas de escrita para o corpo feminino negro, à medida que o seu olhar reescreve a história e trajetória dessas mulheres na sociedade brasileira, levando em conta, nessa, outra forma constituição de corporal negra, as marcações sociais,

---

<sup>7</sup>Cito também um coletivo de vozes formadas por Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Celinha (Célia Pereira), Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Lia Vieira, Mel Adún, Sônia Fátima da Conceição, entre outras.

históricas, estéticas e culturais que este traz consigo. São versos que projetam imagens de um corpo feminino negro carregando as dores do tempo (e de seu tempo), de onde ecoam as vozes de seus/suas antepassados(as) africanos (as), homens e mulheres que vivenciaram as agruras e as amarguras das experiências vivenciadas durante o escravismo colonial e a diáspora africana no Brasil.

Miriam Alves é autora de um trabalho intelectual em pleno processo de produção até a primeira década do século XXI, formado por um amplo e variado repertório sobre temas e questões ligadas à afrodescendência. Militante do movimento negro, afrofeminista e professora, considerada uma das primeiras mulheres negras a fazer parte do Grupo *Quilombhoje Literatura* (1982), responsável pela edição e publicação dos *Cadernos Negros* (1978) até 2012, a escritora tem publicado e divulgado seus poemas, contos, ensaios e artigos, no Brasil e no exterior, tendo obras traduzidas para o inglês, alemão e espanhol<sup>8</sup>.

Dos lugares de enunciação, racial e de gênero, Miriam Alves escreve as suas poesias inserindo mulheres afrodescendentes em outros espaços e em novas configurações sociais, as quais se diferenciam das convenções pejorativas e estereotipadas difundidas pela literatura brasileira de autoria masculina, desde o século XVII, especialmente em relação à pretensa inferioridade, passividade e sexualidade voraz do corpo feminino negro. Por isso, em princípio, o sujeito poético solicita:

### **Ser pessoa**

Nego as forjas  
as armaduras  
Lapidadas na aparência  
bruta da lama  
Nego as máscaras  
indiferentes  
forjando distância  
Nego o resguardo do  
silêncio

---

<sup>8</sup>Os *Cadernos Negros* têm sido o principal veículo de divulgação de contos e poemas produzidos por autores e autoras afrodescendentes no Brasil até 2012. O último volume foi publicado em dezembro de 2011, contendo apenas contos. São produções ficcionais nas quais os sujeitos da escrita se enunciam como negras(os), constituindo-se como uma nova geração de escritores(as) que se forma a partir de 1970, composta por militantes do Movimento Negro Unificado (MNU), intelectuais, afrofeministas, professores(as), artistas e pesquisadoras(es). Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa são os atuais organizadores dos *Cadernos*. As mais recentes publicações da autora podem ser conferidas no volume 34, *Cadernos Negros: contos afrobrasileiros*, lançado em 17 de dezembro de 2011, com o conto intitulado *O velório*. Miriam Alves só esteve ausente de nove edições dos *Cadernos*.

(ALVES, 1985, p-42).

Retiradas de sua condição humana, respectivamente, pela dominação masculina branca e pelo racismo brasileiro, tratadas como um corpo sexual em excesso pronto para o consumo do desejo alheio, expostas nos textos literários nacionais como possuidoras de uma “natureza animalística e primitiva”, “corpos negros sem mente”, conforme acusa bellhooks (1995), *Intelectuais Negras*, concebidas como “criaturas ameaçadoras”, como “seres assexuados, desumanizados e inferiores”, questiona Cornel West (1994), em *Questão de Raça*, a voz literária feminina negra denuncia a exploração racial e de gênero sofrida pelas afrodescendentes, mas, em paralelo, constrói as suas reivindicações.

O eu-lírico reivindica a sua existência humana e reconhece que é preciso negar os discursos forjados, os quais foram responsáveis pelo silenciamento, pelos julgamentos, pela imposição da violência física e simbólica conferida aos corpos das mulheres negras. Com efeito, este corpo tornou-se, sob a ótica do discurso colonial e racial brasileiro, que se expressou nas vozes dos escritores nacionais, ao mesmo tempo objeto de escárnio e de desejo, sendo inscrito em duplo jogo de dominações e de marginalização. Codificado por um conjunto de afirmações e figurações quanto ao seu comportamento social, lido pela visão dominante e patriarcal como “imoral, lascivo e torpe”, as mulheres afrobrasileiras foram tratadas desde sempre como uma diferença racial e sexual negativa para a ideologia patriarcal.

Logo, é preciso negar as “máscaras indiferentes” construídas por representações sociais com as quais as mulheres afrodescendentes não se identificam. Recusar as “armaduras” que forçaram a sua invisibilização social, impondo-lhes a clausura de rostos e corpos femininos negros. Negar a submissão feminina negra. Afirmar a sua voz, o seu olhar e o seu discurso literário sobre si, como um canto de denúncia, de rebeldia e de renovação: investir em sua imagem social como pessoa a cada linha poética. Portanto, nos poemas de Miriam Alves aparece a escrita de um corpo negro que deseja se desprender das “amarras do silêncio”, promovendo contínuas reversibilidades:

Quero correr em desafio  
soltar meu corpo  
lamber sem sentido  
as verdades  
as mentiras

não ditas  
 não ditas  
 verdades escritas  
 que não posso entender  
 [...]  
 Como um aflito  
 libertar num grito  
 - Quero Viver! Quero Viver!  
 QUERO VIVER!  
 (ALVES, 1983, p.26)

Ao mencionar e reiterar mais uma vez a necessidade de se libertar o corpo feminino negro das “amarras” elaboradas pelas vozes dos autores brasileiros, “das mordanças de linguagem”, “das mordanças ideológicas” do racismo e das imposições da dominação masculina e branca. O corpo feminino negro que aparece concebido na poesia *Cena do Cotidiano*, “obriga-se” a pensar nas imagens estereotipadas do passado, “nas experiências de dor e de desprazer” vivenciadas, ao longo da história, pelas mulheres afrodescendentes. (SOUZA, 2006, p.340).

Entretanto, apesar de ressentido, segregado e violentado por “mentiras”, é um corpo feminino que deseja se distanciar dos “lugares definidos para si”. Apresenta-se como um corpo em ação e ativo, negando, mais uma vez, a imagem do corpo negro feminino submisso e subalterno construída pelos textos literários nacionais. É um corpo feminino negro que performatiza a luta, a rebeldia e a resistência feminina negra, emudecida nas histórias narradas sobre a presença da mulher negra na sociedade brasileira.

Um corpo feminino negro que faz “contestações” ao imaginário instituído sobre sua representação social: “quero correr em desafio... as mentiras e as verdades inscritas que não posso entender”. Este provoca o aprisionamento e a reclusão do silêncio, mediante atuação de uma voz poética negra, que seguindo o ritmo desse novo corpo, coloca-se imperativa: quero viver!. E esse apelo que se expressa em um grito, repetido três vezes no texto, demonstra a ânsia de mudança, o desejo de transformação, de se constituir outra. Por essa razão, no agenciamento destas propostas, o eu literário será categórico em suas solicitações:

Estou a toque de máquina  
 corro, louca, voo, suo  
**a fumaça sou eu**  
 [...]



Paro, mas estou sempre correndo  
doem as pernas, os pés

**e este corpo é o meu**

[...]

Indago, mas não estou escutando  
a pergunta anda solta  
e ninguém explicou

**que a resposta sou eu**

(ALVES, CN, 1982, grifos meus).

Nos versos, são descritas as sensações naturais deste corpo por meio das palavras suar e doer, contrariando mais uma vez a perspectiva de um corpo animado, sem vida, sem sensibilidade, “materializado à força”, suscetível apenas à prática dos prazeres sexuais e o exercício do trabalho forçado, representações bastante difundidas pela literatura brasileira. Por outra rota de análise, a dor física e o cansaço dos pés, das pernas, do corpo inteiro, mencionados na poesia, também representam uma dor simbólica, sentida e vivenciada secularmente pelas afrodescendentes em diferentes contextos históricos, já que foram herdadas de suas ancestrais africanas escravizadas. Significam a agonia e aflição de ter que viver sempre negando as “máscaras”, as “mentiras” e a subordinação da mulher negra em diferentes momentos da história no Brasil. Assim, estão também incorporadas outras questões subjetivas: voar (libertar), indagar e responder, ações e sentidos que estão diretamente relacionados à posição adotada pelas mulheres negras no que diz respeito ao modo como elas percebem o lugar ocupado por seus corpos femininos na atualidade.

No poema, o corpo representa um *ente*, carregado de “significações”, tornado para a trajetória da população afrodescendente, em particular, para as mulheres, um espaço que se constitui como “sínteses de sonhos, frustrações, realizações e ambições”. (SOARES, 2006, p.3). Um corpo que reelaborado pelo olhar feminino negro vai produzir contestações e fazer “exigências”, saindo da condição de mero objeto manipulado pela cultura dominante onde foi colocado, para se tornar e se estabelecer como um tecido social, político e cultural, entrelaçado a particularidades de raça e de gênero. (GROSZ, 2002, p.74).

Dessa forma, o estar no mundo parece acessível quando se articulam e se explicitam na voz da escritora negra em nível linguístico e literário, essas questões: a raça e o gênero. Ao pensar a relação com o seu corpo feminino, o sujeito poético provoca: “[...] a resposta **sou**eu ... este corpo é **meu**”. O verbo “ser” marca intimamente

a presença da identidade de gênero e étnica do sujeito literário, deixando assinalados os lugares de enunciação desses “eus” do corpo que se expressam na poesia em questão. Já o uso do pronome possessivo agencia o rompimento das ideias e olhares historicamente cristalizados sobre a figura e o papel da mulher negra na sociedade brasileira, reforçando a função de sua escrita literária feminina e posição política, “colocando-se como vozes autorizadas para falar de suas sensações e percepções” de si. (SOUZA, 2006, p.340).

Apresenta-se como um corpo feminino negro que pode agora, enfim, (re)composto na visão de Miriam Alves, solto, alforriado, vivenciar a sua liberdade individual. Corpo-território onde o *ser-mulher-negra* pode exercer e organizar a sua liberdade de transformação. Corpo feminino negro que produz questionamentos e constrói respostas as suas interpelações, inquietações e frustrações. Corpo feminino negro em luta que se movimenta e se contrapõe a todas as formas de opressão. Corpos femininos negros que guardam vontades reprimidas, que “falam de amor à vida e ao outro”, mas que também refletem sobre sua sexualidade. (ALVES, 2010, p.70).

Miriam Alves constitui uma nova forma de escrita para o corpo feminino negro. Nela, além de elaborar o que chamo de outras imagens poéticas, a poetisa grafa a voz e o olhar da mulher negra nas configurações que propõe. Reescreve a sua sexualidade e sensualidade restituindo-lhe beleza, vitalidade, harmonia nos movimentos do corpo e sedução aos gestos. Ela adota um discurso poético-erótico que reabre passagens secretas, reacende vontades ocultas e faz os versos tocarem territórios do corpo que afloram desejos e sensações sem medo ou vergonha.

Penso que a literatura afrobrasileira feminina produzida por Miriam Alves elabora formas de escrita e reescrita de um corpo que permite as mulheres negras brasileiras gostarem mais de si mesmas a partir de suas diferenças. Uma escrita feminina negra que evidencia que o corpo negro traz uma história e uma tradição cultural que não podem ser esquecidas. São palavras que tocam uma melodia encantatória que cicatriza as nossas feridas emocionais, apontando estratégias no combate ao racismo e o sexismo, promovendo um diálogo simbólico com a nossa herança ancestral, compondo e recompondo outras representações literárias. Alves grafa em seus poemas “um rosto, um corpo negro e um sentir feminino com características próprias”. (ALVES, 2010, p-67).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *Momentos de Busca*. São Paulo: Do Autor, 1983.
- ALVES, Miriam. *Estrelas de Dedo*. São Paulo: Do Autor, 1985.
- ALVES, Miriam. *Finally us / Enfirmós: contemporary Black Brazilian woman writers*. (org. Miriam Alves e Carolyn R. Durham). Edição bilíngue português/inglês. Colorado: Continent Press, 1995.
- ALVES, Miriam. *BrasilAfroautorevelado: literatura afrobrasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandayla, 2010.
- ALVES, Miriam. *A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência*. Revista ABPN, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CADERNOS NEGROS5. São Paulo: Quilombhoje Literatura, 1982.
- CADERNOS NEGROS 25. São Paulo: Quilombhoje Literatura, 2002.
- CADERNOS NEGROS 31. São Paulo: Quilombhoje Literatura, 2008.
- GROSZ, Elisabeth. *Corpos reconfigurados*. In: Cadernos Pagu(14). Campinas: UNICAMP, 2000.
- GOMES, Nilma Lino. *Semperder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolo da Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. Estudos feministas. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n, 2, p-464-469, 1995.
- SALES, Cristian Souza de. *Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miriam Alves*. (Dissertação de mestrado). Salvador: UNEB, 2011.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *É possível realizar uma história do corpo?*. In: Corpo e história. Carmem Lúcia Soares (org). Campinas: Autores Associados, 2006.
- SOARES, Carmem (Org). *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*. In: Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Florentina da Silva. *Vozes Femininas do Atlântico negro*. In. *Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. Org. Rita Chaves e Tânia Macedo. São Paulo: Alameda, 2006.

WEST, CORNEL. *Questão de Raça*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.